

#cm  
**2**  
QUARTA-FEIRA

# No passinho do sucesso

Controversa **cinebiografia de Michael Jackson** vira um êxito popular e pode **redefinir as cifras milionárias** de um circuito **dominado hoje por 'Super Mario Galaxy'** e sucessos com CEP na China. Página 2



# O filme que põe a plateia PARA DANÇAR

Longa estrelado por Jaafar Jackson, sobrinho de Michael, apela para uma linguagem de tons documentais a fim de filmar shows com um realismo que deslumbra a plateia

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**F**alou-se mal (injustamente) de “Michael”, a cinebiografia do Rei do Pop, sob o argumento de ele deletar as passagens mais polêmicas da vida (repleta de conflitos) do ícone musical por trás de hits como “Thriller” e “Beat it”, mas, ainda assim, os comentários depreciativos não tiraram o tapete de sua estreia. Antoine Fuqua, seu realizador, hoje comemora a arrecadação estimada em US\$ 217 milhões que o longa-metragem estrelado por Jaafar Jackson (sobrinho do cantor) registrou em de 21 a 25 de abril, mundo afora. Levando-se em conta que seu orçamento foi de cerca de US\$ 165 milhões (algumas fontes falam em US\$ 200 milhões), sua arancada foi mais do que bem-suce-

dida. Um detalhe: plateias se levantam e dançam em muitas sessões.

Essa acolhida calorosa ampliam as chances de esse exercício autoral do diretor do oscarizado “Dia de Treinamento” (2001) e da franquia “O Protetor” (2014-2023) se tornar a maior receita de 2026 até a Summer Season, jargão que designa a temporada de superproduções do Verão dos EUA. Há quem estime que a saga de Michael Jackson (1958-2009) vá derrotar o atual campeão do ano, a animação “Super Mario Galaxy – O Filme”. Mas vencer o bombeiro hidráulico que fez fama em jogos na Nintendo não será fácil. Sua atual peripécia contabiliza US\$ 831,4 milhões e o número de ingressos vendidos só cresce.

Há quem acredite que, no Brasil, “Michael” e “Super Mario Galaxy” baterão de frente, neste fim de semana, com um adversário cunhado na argamassa da não ficção: “Zico, O

## AS DEZ MAIORES BILHETERIAS DE 2026\*

1. “Super Mario Galaxy – O Filme” (“The Super Mario Galaxy Movie”): US\$ 831,4 milhões
2. “Pegasus 3” (“Fei Chi Ren Sheng 3”): US\$ 648,7 milhões
3. “Devoradores de Estrelas” (“Project Hail Mary”): US\$ 613,4 milhões
4. “Cara de Um, Focinho do Outro” (“Hoppers”): US\$ 370,1 milhões
5. “O Morro dos Ventos Uivantes” (“Wuthering Heights”): \$241,7 milhões
6. “Michael”: \$217,3 milhões
7. “Pânico 7” (“Scream 7”): US\$ 213,8 milhões
8. “Blades of the Guardians” (“Biao Ren”): US\$203,4 milhões
9. “Um Cabra Bom De Bola” (“GOAT”): \$190,5 milhões
10. “Scare Out” (“Jing Zhe Wu Sheng”): US\$186,9 milhões

\*Números atualizados até 27/4

Samurai de Quintino”, o documentário de João Wainer sobre o ícone da massa rubro-negra. Com exceção de “Os Trapalhões e o Rei do Futebol” (1986), historicamente, nenhuma produção sobre o esporte

mais amado do país vira blockbuster, mas... Zico tem uma multidão de fãs. Vai que... O campeão brasileiro da vez segue sendo “Velhos Bandidos”, de Cláudio Torres, com sua mãe, a diva Fernanda Montenegro, que beira 400 mil pagantes.

Talhado para brigar por Oscars, sobretudo para Colman Domingo, “Michael” vem atraindo o público adulto que viveu o apogeu de seu personagem central pós Jackson Five e também uma garotada, que se rende ao carisma de Jaafar Jeremiah Jackson. Ele tinha uns 12 anos quando seu tio mais famoso morreu. No auge das polêmicas em volta de sua reclusão, Michael Jackson teve uma parada cardíaca e não resistiu. A versão para as telas de seus feitos, rodada de modo delicado por Fuqua, tem Colman no papel do pai do músico e prefere se concentrar num período beeeem anterior à sua morte, anterior até ao escandaloso “Black & White”, cujo clipe foi lançado entre nós no “Fantástico” de 1991. O foco é a infância com seus maninhos, sob a rígida condução paterna, e seus sucessos iniciais. Fuqua apela para uma linguagem de tons documentais a fim de filmar shows com um realismo que deslumbra a plateia.

O lançamento de “O Diabo Veste Prada 2”, com Meryl Streep e

Anne Hathaway pode redefinir o circuito num ano que pode ser um dos mais rentáveis da História. Até dezembro, teremos o longa do He-Man, “Mestres do Universo” (com Garcia Jr. a gritar “Eu tenho a Força!”, nas cópias dubladas), em 4 de junho, e o novo “Street Fighter”, em outubro. Fora isso, tem “Star Wars: O Mandaloriano e Groggu”, no dia 21 de maio; “Natal Amargo”, de Pedro Almodóvar, em 28/5 (sabe-se que o artesanato espanhol lota multiplexes); “Toy Story 5”, em 18/6; “Supergirl”, em 25 de junho; “Minions & Monstros”, em 2 de julho; a versão live-action de “Moana”, em 9/7; o muito aguardado “Homem-Aranha: Um Novo Dia”, no dia 30/7. Inclua ainda longas novos de Steven Spielberg (“Dia D”) e Christopher Nolan (“A Odisseia”), além de “Vingadores: Doutor Destino”, com Robert Downey Jr., agendado para 17 de dezembro. Em setembro, o Brasil há de reforçar esse coletivo com “Minha Melhor Amiga”, juntando as grifes de Ingrid Guimarães e Mônica Martelli.

No cenário atual, chama atenção entre os dez faturamentos mais robustos de janeiro até hoje a presença de três títulos da China: “Pegasus 3”, “Blades of the Guardians” e “Scare Out”, do premiado cineasta Zhang Yimou (de “Herói”).



Ranços coloniais que se mantiveram como trauma são exorcizados em 'O Riso e a Faca'

# Lusófono, épico, decolonial

Produção de 212 minutos que une Portugal, Brasil e África, 'O Riso e a Faca' chega às telas após périplo de quase um ano regados a prêmios, consagração e debates sobre identidade

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

Falta pouquinho para o aniversário de um ano de "O Riso e a Faca", que nasceu mundialmente no dia 17 de maio de 2025, na competição Un Certain Regard do Festival de Cannes, de onde saiu com sagrado com o status de "épico da lusofonia". Uma segunda coroa veio da Croisette: a láurea de Melhor Interpretação, dada à atriz Cleo Diára. Depois, vieram prêmios em festivais de Valladolid, na Espanha, e Montreal, no Canadá, além de Cartagena, na Colômbia, que acaba de contemplá-lo com o Prêmio de Melhor

Contribuição Artística na competição ibero-americana.

Encarada como Bíblia pela cinefilia desde a década de 1950, a "Cahiers du Cinéma" elegeu o longa-metragem do lisboeta Pedro Pinho (que teve a carioca Tatiana Leite como um fator de X, ou seja, um fator central, em sua equação de produção) para sua lista dos Dez Melhores do ano passado. Agora, enfim, essa pérola estreia entre nós.

Onze meses atrás, as paisagens da Guiné-Bissau fotografadas pelo cearense Ivo Lopes Araújo se agigantaram poeticamente no Palais Des Festivals de Cannes na passagem de "O Riso e a Faca" pelo balneário. São 211 minutos de reflexões sobre raízes e êxodos, desenraizamento e pertença. Tem

ecos d'África(s), do nosso Brasil e da "terrinhã", a pátria de Pinho, numa jornada que fala de origens e de futuros possíveis para povos que, unidos por uma língua, precisam superar os ranços do pacto colonial.

"Fazendo esse filme eu percebi que em Portugal existem muitas Áfricas e existe uma diáspora. Paralelamente, descobri em Bissau que, lá, entre eles, eu posso ser visto como branco, mesmo sem me reconhecer assim", explica um dos destaques do elenco, Jonathan Guilherme, ex-atleta de vôlei paulista (de Araçatuba) que trocou as quadras pela arte e hoje é poeta.

Na trama, seu personagem, Gui, tem de driblar dinâmicas do capitalismo em meio ao périplo de um engenheiro europeu, Sérgio (vivido por Sergio Coragem), que parte para um canto da África para trabalhar como engenheiro ambiental para uma ONG, na construção de uma estrada entre o deserto e a selva. À medida que adentra nas dinâmicas neocoloniais da comunidade de expatriados, esse laço frágil se torna o seu último refúgio perante a solidão ou a barbárie. Nessa jornada, ele caça lastros identitários de uma cultura branca ocidental que se manchou de sangue ao longo de séculos.

Uma jovem chamada Diára, vivida pela cabo-verdiana Cleo Diára, cruza com ele e com Gui e se firma como uma das protagonistas de "O Riso e a Faca". "Fizemos aqui um filme sobre a solidão de uma mulher na sociedade patriarcal. Cabo Verde é minha água, meu berço, mas, aos 9 anos, fui pra Portugal. Não demorei a perceber que as primeiras pessoas a despertar da cama quando começa o dia são as mulheres negras, as vós, as mães, as empregadas", disse Cleo ao Correio

**“Fazendo esse filme eu percebi que em Portugal existem muitas Áfricas e existe uma diáspora. Paralelamente, descobri em Bissau que, lá, entre eles, eu posso ser visto como branco, mesmo sem me reconhecer assim”**

**JONATHAN GUILHERME**

da Manhã, em Cannes.

Ela e Jonathan foram um triângulo de perseverança na trama de "O Riso e a Faca" com Sérgio, ator que é português. Ele já era conhecido da cinefilia francesa, da Côte d'Azur (o perímetro onde fica Cannes) por "Verão Danado" (2017) e "Fogo-Fátuo" (2022). Seu desempenho sob a batuta de Pinho, contudo, é algo de visceral.

"Pinho mostra o desequilíbrio que este mundo criou ao longo da História ao retratar pessoas à procura do amor", diz Sérgio.

Responsável pela produção de filmes premiados como "Regra 34" (Leopardo de Ouro em Locarno) e "Puan" (Melhor Roteiro em San Sebastián), Tatiana saiu de Cannes com o prestígio da produtora Bubbles referendado pelos elogios

colhidos por "O Riso e a Faca" em várias línguas. "Estive em Cannes em 2005 e vi 'A Criança', dos irmãos Dardenne, numa sessão às 8h, da qual saí encantada. Produzir filmes que possam fazer parte desse festival, hoje, é uma ressignificação interessante", diz a produtora.

A participação profissional dela em "O Riso e a Faca" amplia a brasilidade latente do filme, que tira seu título da obra fonográfica do baiano Tom Zé. Há africanidade e lusitanidade também em sua argamassa. No enredo que Tatiana coproduziu, à medida que o cineasta adentra nas fricções neocoloniais desses expatriados, traumas continentais sedimentam o caminho que as personagens percorrem.

"O que fizemos foi um filme de aventura, de encontros e de desejos, que procura entender como o corpo incorpora um conjunto de injustiças históricas. Não sei definir que arquétipos se encontram nessa conjuntura, mas sei que são personagens em trânsito, em deslocamento", explica Pedro Pinho, que ganhou outro escopo (de maio prestígio) na cena audiovisual depois de vencer o Prêmio da Crítica em Cannes, em 2017, com "A Fábrica de Nada". A minha fricção pessoal em 'O Riso e a Faca' vem do facto de todos os meus filmes passarem pelo mesmo tema: a Europa. Uma Europa vista a partir de uma certa ideia moral de branquitude que nos tentam impor culturalmente".

O cineasta tem dois novos projetos à vista. Um deles é um remake de "À Flor do Mar" (1986), do mítico diretor João César Monteiro (1939-2003). O outro é um filme com a produtora Filipa Reis sobre uma geração de estudantes de arte na casa dos 20 anos, numa Lisboa dominada pelo capitalismo. "Mar da Palha" é o título provisório.

Fábula política de Eugène Schwartz sobre tirania estreia neste feriado no Armazém da Utopia

# O dragão nosso de cada dia

Thiago Gouveia/Divulgação

Uma cidade sufocada há 400 anos sob o jugo de um dragão de três cabeças é o ponto de partida de “O Dragão”, fábula política que a Companhia Ensaio Aberto leva aos palcos a partir deste feriado de sexta-feira (1). Escrita pelo dramaturgo russo Eugène Schwartz (1896–1958) em 1943, durante o exílio forçado na Ásia Central, a peça usa a linguagem dos contos maravilhosos para abordar temas de opressão, resistência e o preço da liberdade.

Schwartz concebeu a obra em um contexto de urgência histórica. Banido junto com a companhia do Teatro de Comédia de Leningrado para Dushanbé, no Tadjiquistão, em 1943, o dramaturgo completou o texto em um ano de isolamento. O autor recorria à fantasia para contornar a censura soviética, atacando a propaganda, a obediência cega e o abuso de poder, notadamente em “O Dragão” e “A Sombra”.

Suas peças desse período resgatam as conquistas do teatro russo-soviético dos anos 1920 e 1930, período em que a vanguarda teatral — representada por diretores como Vsevolod Meyerhold — explorava a fusão entre expressionismo, simbolismo e crítica social. Chagall, pintor que também trabalhou com teatro naquela época, influenciou gerações de artistas com sua linguagem visual onírica. A cenografia de J. C. Serroni para esta montagem recupera toda essa herança, criando um espaço cênico onde o fantástico e o político coexistem.

“O Dragão” é uma peça que, apesar de escrita em 1943, traz de volta as conquistas do teatro russo-soviético. Um texto profundamente político, no qual a fantasia tem um papel fundamental. O espetáculo é oportuno e necessário, especialmente quando nos encontramos na iminência de uma possível 3ª Guerra Mundial e assistimos passivamente ao assassinato de milhares de civis em Gaza, no Líbano e em outras partes do mundo”, ressalta Luiz Fernando Lobo.

O encenador constrói para este espetáculo um grande dispositivo cênico que incorpora acrobacia aérea. Um dragão de seis metros sobrevoa a plateia, suspen-



Renam Branda?o/Divulgação



Eugène Schwartz escreveu ‘O Dragão’ durante período de exílio na Ásia Central e sua temática segue atual e relevante

O dragão cenográfico de seis metros, que sobrevoa a plateia, é um dos destaques da montagem da Companhia Ensaio Aberto

desafia o dragão; Tuca Moraes é o gato, a consciência crítica da fábula; Luiza Moraes interpreta Elsa; Gilberto Miranda, Carlos Magno; Claudio Serra, o burgomestre; Mateus França, Henrique. Luiz Fernando Lobo também atua como o dragão. A preparação corporal é de Luiza Moraes. A tradução é de Maria Julieta Drummond de Andrade, com produção de Tuca Moraes e produção executiva de Aninha Barros.

A estrutura da fábula permite que Schwartz explore como a opressão funciona seja pela força bruta seja pela cumplicidade e o medo normalizado, pela aceitação de que “sempre foi assim”. O dragão não precisa matar ninguém, pois basta que a cidade acredite que é invencível. Essa lógica da tirania — que não depende apenas da violência, mas da resignação coletiva — é o ponto central da narrativa.

## SERVIÇO O DRAGÃO

Armazém da Utopia (Armazém 6, Cais do Porto, s/nº)

De 1/5 a 8/6, de sexta a segundas-feira (20h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia) | Valores sociais para grupos: (21) 97976-0046 (WhatsApp)

“O espetáculo é oportuno e necessário, especialmente quando nos encontramos na iminência de uma possível 3ª Guerra Mundial e assistimos passivamente ao assassinato de milhares de civis em Gaza, no Líbano e em outras partes do mundo” **LUIZ FERNANDO LOBO**

so por uma estrutura projetada por Claudio Baltar. A acrobacia é assinada por Adelly Costantini e Lana Borges. As máscaras e adereços — incluindo a máscara do gato e a cabeça do dragão — foram confeccionados por Eduardo Andrade. Beth Filipecki e Renaldo Machado vestem os personagens; Cesar de Ramires desenha a luz; Felipe Radicetti assina a direção musical e trilha original.

O elenco reúne 24 atores em revezamento. Leonardo Hinckel encarna Lancelot, o cavaleiro que

“Fui pedir a bênção de Marieta Severo para encarnar Dona Socorro e ela me deu essa bênção, graças a Deus”

LAILA GARIN



Laila Garin e Juliana Linhares colocam suas vozes a serviço do nobre ofício das carpideiras nesta versão musical da premiada peça de Newton Moreno

# A força da oralidade das carpideiras

Texto premiado de Newton Moreno, ‘As Centenárias’ vira comédia musical com as atrizes-cantoras Juliana Linhares e Laila Garin

Quase duas décadas depois de sua montagem com as interpretações de Marieta Severo e Andréa Beltrão, “As Centenárias” volta aos palcos em nova roupagem. Desta vez a premiada peça de Newton Moreno ganha versão musical inédita, com direção de Luiz Carlos Vasconcelos e protagonismo das atrizes-cantoras Juliana Linhares e Laila Garin, em cartaz no Teatro Carlos Gomes.

A nova encenação aprofunda a relação da dramaturgia com a cultura popular ao incorporar 16 canções originais compostas por Chico César. A narrativa acom-

panha duas mulheres centenárias que percorrem o sertão realizando rituais de despedida — uma história que equilibra humor e emoção ao retratar a força das tradições, da oralidade e da ancestralidade nordestina. O elenco conta ainda com o ator Leandro Castilho, que interpreta mais de seis personagens na montagem.

“É muito doido tirar do papel essas personagens muito inspiradas, pela montagem de Aderbal Freire Filho, com Marieta Severo e Andréa Beltrão. Inclusive, fui pedir a bênção de Marieta Severo para encarnar Dona Socorro e ela me deu essa bênção, graças a Deus. E agora nos ensaios estamos descobrindo o nosso caminho, qual

é a cara dessa montagem de agora”, afirma Laila Garin, que define o processo de construção da personagem como uma jornada de descobertas.

Juliana Linhares ressalta que a nova leitura nasce do encontro entre teatro, música e identidade regional. “Eu já tinha vontade de fazer algum projeto com a Laila há muito tempo, e um dia surgiu a ideia: e se a gente fizesse ‘As Centenárias’? Com duas atrizes nordestinas e cantando. Como o carpir está ligado ao canto, pensei que as canções poderiam surgir desse choro. A música para mim é um motor dessa montagem”, justifica, ao lembrar da importância das carpideiras — mulheres que histori-

camente realizam rituais fúnebres no sertão através da voz, da oração e da ladainha - para o contexto sertanejo.

Leandro Castilho destaca a complexidade de atuar dando voz a seis personagens diferentes na trama. “É sempre um desafio porque cada peça tem uma linguagem diferente. A transição entre eles é uma coisa que não dá nem para pensar muito. Nesse espetáculo, eu estou no processo de desenhar cada personagem, porque eu trabalho muito a partir do corpo. O corpo sugere uma voz, que sugere um jeito, e assim eu vou criando esse desenho desse personagem, esse contorno”, explica o ator.

Responsável pela trilha inédita, Chico César conta que o processo de composição partiu diretamente da dramaturgia de Newton Moreno. “Eu recebi o texto do Newton Moreno já com indicações de lugar onde ele queria as canções, já com letra. No geral, respeitei aquilo, al-

tere uma coisa ou outra. O texto é muito bonito, muito forte. Acho que trazer essa voz da mulher brasileira com essência nordestina é uma alegria para mim”, diz o compositor, autor de obras de forte teor social com influências do folclore nordestino.

O autor, Newton Moreno, destaca que se interessou pela adaptação musical da obra assim que a ideia lhe foi sugerida. “É importante considerar que as carpideiras realizam uma base relevante de seu trabalho por meio de cantos, rezas, ladainhas. Há uma demanda musical muito forte na orquestração do luto”, argumenta.

## SERVIÇO

### AS CENTENÁRIAS

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro) Até 10/5, às quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h) | Ingressos a partir de R\$ 50

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Walter Firmo é um dos principais fotógrafos brasileiros

## Walter Firmo ensina sua arte em workshop

Do alto de seus 89 anos de idade e 74 de fotografia, Walter Firmo divide sua arte e experiência no workshop “O Universo da Cor” composto por quatro aulas entre 14 e 17 de agosto. Vagas limitadas. O premiado profissional oferece aos launos uma experiência imersiva na estética da fotografia em cor, apresentando os grandes mestres, a linguagem fotográfica através da cor. Firmo vai mostrar

como realizar belas imagens, utilizando técnicas como os contrastes nas cores e meio tons, a busca pela plasticidade, a poesia na cor. O curso também abordará as melhores técnicas para produzir retratos, desde a composição da cor e dos grafismos até os meios de abordagem para fotografar personagens. Informações e inscrições pelo whatsapp (21) 99986-7181.

## RJ lança edital cultural

Estão abertas as inscrições para o edital Apoio a Ações Continuadas RJ, iniciativa do Governo do Estado do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, voltada ao fortalecimento de projetos culturais de caráter permanente. A chamada pública, inédita no estado, prevê investimento total de R\$ 19,2 milhões, distribuídos em dois ciclos de execução (2026 e 2027), e vai contemplar 42 proponentes. As inscrições seguem abertas até as 18h do dia 18 de maio pela plataforma Desenvolve Cultura.

### O ‘sim’ no palco

Isabel Fillardis foi pedida em casamento em pleno palco pelo agora noivo, Well Aguiar. O pedido, com direito a aliança e joelho no chão, surpreendeu a atriz e o público que acompanhou a peça “O Começo do Fim”, que ambos encenam juntos no Teatro Fashion Mall.

### O ‘sim’ no palco II

Ela disse sim e deu um beijo no colega de cena, para delírio do público. Well e Isabel namoram desde 2022. Aos 52 anos, ela tem três filhos, frutos do relacionamento anterior. Já o ator e roteirista, de 45, tem uma carreira extensa no teatro e papéis em novelas da Globo.

### Taylor Swift em guerra com a IA

Taylor Swift decidiu proteger sua identidade ao registrar a própria voz e imagem como marcas nos Estados Unidos. A iniciativa reforça barreiras legais em conteúdos gerados por inteligência artificial. Em 2024, conteúdos falsos com sua imagem no site produzida por IA foram publicados no site da campanha de Donald Trump.



Divulgação



Maria Bacelar/Divulgação

Ricardo Bacelar e Aito Moreira no estúdio. O pianista, que assina a produção do álbum, conta que deu liberdade total ao fluxo criativo do percussionista

# Um exercício livre de criação musical

‘Maracanós’, álbum de Ricardo Bacelar com o percussionista Aito Moreira, é lançado no Brasil, EUA, Portugal, França, Alemanha, China e Japão

AFFONSO NUNES

Com seu selo Jasmín Music, o pianista Ricardo Bacelar vem produzindo um catálogo de singles e álbuns em colaboração com artistas como Flávio Venturini, Leila Pinheiro, Toninho Horta, Roberto Menescal, Fagner, Jaques Morelenbaum, Ednardo e Gilberto Gil, privilegiando a boa música brasileira. Desta vez ele e Aito Moreira - um dos nomes mais expressivos da percussão brasileira - lançam “Maracanós”, álbum instrumental que mescla texturas acústicas e eletrônicas num belo exercício de liberdade criativa.

Gravado no estúdio de Bacelar, em Fortaleza, o trabalho não trilha caminhos convencionais. Foi lançado simultaneamente no Brasil, Estados Unidos, Portugal, França, Alemanha, China e Japão - mercados que reverenciam o legado musical de Aito. O álbum combina instrumentos acústicos, sintetizadores, sonoridades eletrônicas e pesquisa timbrística em uma arquitetura sonora que privilegia improvisação e densidade harmônica.

A gravação aconteceu em duas fases. Na primeira, realizada no estúdio Jasmín, Aito trabalhou ao lado da cantora Flora Purim - sua parceira musical e amorosa desde o final dos anos 1960 - gravando o single “Aqui, Ó”, um álbum e um longa-metragem em fase de produção que registra todo o processo. Na segunda viagem, Aito e Bace-



Divulgação

lar se encontraram no estúdio do pianista em Fortaleza, onde compuseram e gravaram “Maracanós”. “A ideia do disco nasceu durante a captação do longa e foi uma época de muita felicidade para todos”, relata Bacelar.

Para Aito Moreira, considerado referência mundial na percussão, o processo foi inspirador. “O estúdio é maravilhoso, tem tudo o que a gente precisa para fazer uma gravação de primeira qualidade. Pude usar bastante a minha voz também - às vezes canto quando não estou tocando, por alguns segundos. Para mim, foi assim como uma cama na qual eu pude me deitar, criar e descansar ao mesmo tempo”, descreve.

Aito recebeu recentemente o NEA Jazz Masters Fellowship, concedido pela National Endowment for the Arts - o mais alto reconhecimento oficial dedicado ao jazz nos Estados Unidos, atribuído a artistas cuja contribuição teve impacto excepcional no desenvolvimento da linguagem do gênero ao longo de décadas.

Flora Purim, eleita melhor cantora de jazz dos EUA por quatro

anos consecutivos (1974-1977), faz participação especial nos vocais na faixa “Voo da tarde”. O álbum conta ainda com o quarteto de cordas carioca Kalimera em duas faixas, com arranjos de Liduino Pitombeira, membro da Academia Brasileira de Música.

A abordagem estética de “Maracanós” reflete a trajetória de Aito Moreira, que se mudou para os Estados Unidos na década de 1960 e tocou com referências do jazz como Miles Davis, Wayne Shorter, Chick Corea, John McLaughlin, Keith Jarrett, Jaco Pastorius e Stan Getz, entre outros. “O fato de eu ter tocado com esses gigantes é um sinal de que eu sempre estive aberto para a criatividade. Você tem que confiar nos seus instintos musicais para criar, sem atrapalhar ninguém ou se atrapalhar. Sempre confiei nos meus, desde criança”, afirma o percussionista.

Ricardo Bacelar, que assina a produção, buscou equilibrar liberdade e experimentação. “Quis prestigiar a liberdade e a experimentação muito presentes na música de Aito e Flora, a própria história dos dois. Fiz uma fusão de música acústica com percussões, cordas, texturas eletrônicas, conferindo originalidade e um caráter bastante imersivo ao disco, que foge do modelo comercial comum na indústria da música de hoje em dia”, explica.

O longa-metragem dirigido por Jom Tob Azulay, que originou o álbum, está em fase de finalização com previsão de lançamento para o segundo semestre de 2026.

Daniel Ebendinger/Divulgação

## AFFONSO NUNES

Que tal conhecer um pouco mais do universo operístico na hora do almoço? O projeto Ópera do Meio-Dia apresenta “Gianni Schicchi”, de Giacomo Puccini, na escadaria interna do Theatro Municipal nesta quarta-feira (29) e nas próximas quarta e quinta (4 e 5 de maio), às 12h, com ingressos gratuitos serão distribuídos uma hora antes do espetáculo.

A produção marca a segunda temporada do projeto de curadoria e direção musical de Cyrano Sales, que resgata óperas clássicas para espaços públicos da instituição, consolidando uma estratégia de democratização do acesso ao canto lírico.

A ópera de Puccini é uma adaptação cômica de um episódio da “Divina Comédia” de Dante Alighieri. Na história, a família Donati se reúne após a morte de Buoso, mas o luto logo cede à disputa pela herança — deixada, inesperadamente, a um convento. Para reverter a situação, Rinuccio convoca Gianni Schicchi, um astuto personagem que, após o apelo da filha Lauretta na célebre ária “O mio babbino caro”, aceita executar um plano ousado: se passar pelo morto e ditar um novo testamento. O resultado é uma reviravolta cômica em que Schicchi garante para si os bens mais valiosos, enquanto a família, impotente, assiste ao golpe.

A obra foi composta em 1917 como conclusão do tríptico de óperas em um ato de Puccini — precedida pelas tragédias “Il tabarro” e “Suor Angelica”. Estreada em 14 de



Solistas do Coro do Theatro Municipal participam da encenação da ópera em versão pocket nas escadarias da casa de espetáculos

# Degraus operísticos

Versão reduzida de ‘Gianni Schicchi, de Puccini, é encenada ao meio-dia nas escadarias do Municipal

dezembro de 1918 no Metropolitan Opera de Nova York, “Gianni Schicchi” se destacou imediatamente por seu tom satírico e sua

crítica social disfarçada de humor. Diferentemente de outras óperas de Puccini, marcadas pelo lirismo melancólico, este trabalho privilegia

a comédia de situação e o caráter farsesco. A ária “O mio babbino caro”, cantada por Lauretta, tornou-se uma das mais famosas da música

operística, frequentemente executada em concertos e recitais.

Nesta montagem, 12 solistas do Coro do Theatro Municipal compõem o elenco. Cyrano Sales, maestro titular do coro desde 2024, concebeu uma versão contemporânea com duração de uma hora que, segundo ele, traz “personagens que lembram figuras bem cariocas do nosso dia a dia”.

## SERVIÇO

### ÓPERA AO MEIO-DIA - GIANNI SCHICCHI

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)  
Até 5/5, às terças e quartas-feiras (12h)  
Entrada franca

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



### Um lugar na bossa

Músico e produtor radicado em Londres, Muca, colabora com o pioneiro da bossa nova Roberto Menescal no álbum “Beleza”. O projeto apresenta dois novos singles: “Midnight Lullaby, a ser lançado nesta sexta (1), e “A Beleza de Ser”. “Midnight Lullaby” une a bossa com arranjos de cordas, refletindo a reconexão de Muca e Liana com suas raízes. “Trabalhar com o Muca e com o Roberto Menescal foi surreal. Foi como entrar em um universo musical que eu sempre admirei à distância e, finalmente, encontrar o meu lugar dentro dele”, disse Liana.



### Antecipando o álbum

A banda Colomy inicia nova fase artística com o lançamento do single “Causas Naturais”, já disponível em todas as plataformas de streaming e acompanhado de videoclipe no YouTube. A faixa, composta por Sebastião Reis, Pedro Lipa e Magno Britto, conta com participação de Barrett Martin na percussão e abre o álbum “Pra Quem Andou Perdido”, com lançamento previsto para julho. Para quem não liga o nome à pessoa, Sebastião é o filho de Nando Reis, que dá nome a uma canção homônima do ex-titã.



### Um rock culinário

Inspirado na influenciadora digital Luciana Carrilho, apresentadora do portal Cozinhando Com Lucinha, Alex Pucci lança “Lucy”, faixa, com elementos de rock que conta história fictícia sobre culinária e diversão na cozinha. Produzida por Luiz Müllem, que também toca bateria, a gravação reúne Yago Pedroza no baixo e Ana Monterry no teclado. Pucci toca guitarra e assume os vocais. A música integra o repertório do próximo álbum do artista, previsto para 2026, e está disponível em todas as plataformas digitais pelo selo Caravela Records.

# Alice relê Caymmi.

## Sem reverências

Novo álbum transforma clássicos do avô em reggae, hip hop e salsa



AFFONSO NUNES

Neste dia 30 de abril - data do aniversário de Dorival Caymmi - sua neta Alice lança o álbum "Caymmi", trabalho que revisita 12 clássicos do avô sem o clima cerimonial. Com produção de Iuri Rio Branco, o disco leva o cancionero do mestre baiano para sonoridades salpicadas de reggae, hip hop, salsa e batidas eletrônicas.

A trajetória de Alice, a filha de Danilo e Simone Caymmi sempre esteve associada a rupturas estéticas, movidas pela inquietação e, por que não, pelo risco. Desde o primeiro álbum, em 2012, ela dava o recado de que não pretendia ocupar o lugar confortável de herdeira musical. O disco de estreia, "Alice Caymmi", foi reconhecido pela crítica como promissor, destacando-se pela força vocal e pela escolha de repertórios que fugiam do óbvio. Indicada ao Prêmio da Música Brasileira em 2013 na categoria Revelação, consolidou sua imagem através de discos como "Rainha dos Raios" (2014), marcado por influências do pop alternativo, rock e MPB sombria, e "Alice" (2018), que contou com participações de Ana Carolina, Pablo Vittar e Rincon Sapiência. Em 2019, lançou "Electra", onde cantou acompanhada apenas de piano, explorando um repertório que incluía Candeia, Maysa, Elton Medeiros e Tim Maia. Seu quinto álbum, "Imaculada" (2021), apresentava repertório quase totalmente autoral.

O novo trabalho, diz ela, só seria possível com sua consolidação como artista. "Atingi um ponto de maturidade ao entender a obra do meu avô como parte de mim, e não como um fardo. Ela caminha ao meu lado em vez de compe-

“Atingi um ponto de maturidade ao entender a obra do meu avô como parte de mim, e não como um fardo. Ela caminha ao meu lado em vez de competir comigo”

ALICE CAYMMI

tir comigo”, afirma Alice, acrescentando que a morte de Nana Caymmi, sua tia, no ano passado, acelerou a decisão de gravar o álbum. “A obra do meu avô é eterna, mas não estava sendo eternizada. Chamei essa responsabilidade para mim”, completa.

A seleção de faixas foi guiada pela força narrativa de obra de Dorival, morto em 2008. Sem reverências. “Dora” começa como bolero da era de ouro do rádio e ganha contornos reggae e batida eletrônica. “Canto de Obá” é das mais emocionantes, com Alice cantando versos em que o avô cita a família toda e invoca Xangô para proteger a linhagem. “Maracangalha”, gravada originalmente em 1956, reparece num festivo calipso. “Canção da Partida” (Suíte do Pescador) vira salsa. “Acalanto”, escrita originalmente como canção de ninar, tem sua releitura baseada na interpretação vocal de Alice. “Adeus” e “Eu Não Tenho Onde Morar” têm sua melancolia deslocada para um contexto mais



Alice Caymmi transporta o cancionero consagrado do avô para outro lugar, para outro tempo; Abaixo, Alice, ainda pequena no colo de Dorival Caymmi



Álbum de família

urbano e moderno.

“O desafio foi trazer um olhar despretenso para o repertório, já que Dorival é um dos compositores mais regrados da música brasileira. Procurei não me ater muito ao que já foi feito e seguir a minha assinatura musical, sempre com respeito. O resultado é um som direto ao ponto, com bastante batida e textura. O álbum carrega muito do que a Alice conta sobre o avô: um artista popular e conectado ao seu tempo. A diferença é que o tempo deste álbum é 2026”, destaca Iuri Rio Branco, o produtor.

O primeiro single, “Modinha para Gabriela” (lançado em março), é a canção eternizada como tema de abertura da novela “Gabriela” (1975). Nas mãos de Alice, ganha novas cores rítmicas sem perder o reconhecimento imediato. A base do disco está em canções que ajudaram a consolidar a identidade musical do país. Em vez de reproduzi-las, Alice opta por deslocá-las para outro lugar, outro tempo. A herança vira troca artística.